

Sexualidade na adolescência: entre o desejo e o medo

Sexuality in adolescence: between desire and fear

A. D. Santos¹; M. P. A. Campos¹; A. M. D. Santos²

¹*Departamento de Enfermagem, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-Se, Brasil*

²*Programa de Pós-graduação em Gestão Pública com foco em Gênero e Raça, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-Se, Brasil*

allanufs@hotmail.com

(Recebido em 19 de abril de 2012; aceito em 11 de setembro de 2012)

Este estudo objetivou conhecer os aspectos gerais da sexualidade de adolescentes escolares, fazendo uma abordagem sobre a iniciação da prática e do desejo sexual. Estudo transversal, descritivo e quantitativo. A amostra correspondeu a 91 adolescentes escolares, de ambos os sexos, com faixa etária compreendida entre 14 e 19 anos. A coleta de dados ocorreu através da aplicação de um questionário. Detectou-se que 85,7% dos adolescentes afirmaram obter informações sobre sexualidade, sendo as conversas informais entre amigos (36,2%) a principal fonte. Quanto à idade da manifestação do desejo sexual, observou-se 12,25 anos para os homens e 14,1 anos para as mulheres. A maioria dos rapazes (91%) e das moças (55,3%) informou ter vida sexual ativa, sendo a preocupação com as DST e o casamento os principais fatores que impediram a iniciação sexual. Sugere-se, assim, a implantação de temas sobre saúde sexual e reprodutiva voltado para os adolescentes em estudo.

Palavras-chave: sexualidade; adolescente; educação sexual

This study aimed to evaluate the general aspects of sexuality in teenagers, making an approach to practice and initiation of sexual desire. A transversal, descriptive and quantitative. The sample corresponded to 91 adolescent students of both sexes, aged between 14 and 19 years. The data was collected via a questionnaire. We found that 85.7% of teens said they get information about sexuality, and informal conversations among friends (36.2%) the main source. Regarding the age of manifestation of sexual desire, there was 12.25 years for men and 14.1 years for women. The majority of boys (91%) and girls (55.3%) reported having an active sex life, being preoccupied with STDs and marriage the main factors that prevented the sexual initiation. It is suggested, therefore, the deployment of topics on sexual and reproductive health aimed at teenagers in the study.

Keywords: sexuality; adolescent; sex education

1. INTRODUÇÃO

Homens e mulheres têm iniciado sua vida sexual, em sua grande maioria, na adolescência. Esta faixa etária, definida pela Organização Mundial de Saúde – OMS como compreendida entre 10 e 19 anos, tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores e profissionais da área da saúde sendo considerada uma faixa etária prioritária para ações de promoção, prevenção e proteção à saúde.

A adolescência é uma etapa evolutiva de transição entre a infância e a vida adulta, onde o adolescente marcado por sofrimento, contradição e confusão, desliga-se da infância por meio de três lutos fundamentais: o luto pelo corpo infantil, o luto pelo papel e pela identidade infantil e o luto pelos pais da infância (1).

A atenção ao grupo de adolescentes passa a ser cada vez mais reconhecida como necessária, devido, principalmente, à sua composição numérica, à frequência cada vez maior da gravidez na adolescência, dos acidentes, da violência, do uso de tabaco, álcool, drogas, inalantes, além dos problemas de saúde mental. (2).

Reconhecendo a importância deste grupo na sociedade, o Ministério da Saúde, em 1988, apresentou as “Bases Programáticas para o Programa do Adolescente”, considerando a

importância demográfica do grupo, sua vulnerabilidade aos agravos de saúde, bem como as questões econômicas e sociais, criando assim o Programa de Saúde do Adolescente – PROSAD.

Ao lado de questões como a AIDS, doenças sexualmente transmissíveis, drogas e concepção indesejada, a sociedade, em crescente mudança de valores, padrões culturais e comportamentais, está convivendo com a realidade de uma sexarca mais precoce entre os jovens, preocupando assim profissionais de saúde, pais e professores em decorrência da falta de conhecimentos sobre prevenção em saúde, concepção e uso de contraceptivos. Desta forma, os profissionais que se propõem a estudar e/ou trabalhar esta temática com grupos de adolescentes sabem que a questão que emerge com grande significado é a saúde sexual e reprodutiva, marcada por dúvidas, medos, receios e incertezas.

Diante desse contexto, há a uma tendência na diminuição da idade da primeira relação sexual. No Brasil, a idade média é de 16,9 anos para meninas e 15 anos para meninos, sendo que essa iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anticoncepção. Segundo esses autores, 26% da população feminina de 15 a 24 anos já vivenciou uma gravidez, sendo que essa gravidez foi indesejada para 40% dessas jovens (3).

Os meios de comunicação exercem uma grande influência na iniciação sexual do adolescente. O sexo passou a ser utilizado com finalidade exclusivamente econômica, explorado com sensacionalismo e vulgaridade pelos meios de comunicação. Essa banalização da sexualidade dificultou as estratégias de promoção, proteção e prevenção da saúde, bem como de associar sexo a afeto. Assim, o combate a AIDS, epidemia mundial, tornou-se mais difícil, visto da real necessidade através de trabalhos de prevenção e conscientização e da necessidade de mudanças comportamentais (4,5).

De acordo com esse mesmo autor, a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais da saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protejam ao máximo a sua iniciação sexual, tenham responsabilidade e pratiquem sexo com segurança.

A realização desse estudo justifica-se pela necessidade de evidenciar a real dimensão dos aspectos gerais da sexualidade dos adolescentes, oferecendo subsídios teóricos aos que lidam com os eles para diminuir as suas dúvidas, melhor orientá-los e conviver com este grupo etário. Além disso é necessário também planejar ações e serviços de educação em saúde, oportunizando, assim, escolas e serviços de saúde a conhecer os diferentes caminhos trilhados pelos adolescentes no que se refere à sexualidade.

Assim, tornou-se relevante conhecer os aspectos gerais da sexualidade de adolescentes escolares de uma escola pública do município de Umbaúba-SE. Lá se fez uma abordagem sobre a iniciação da prática e do desejo sexual, obtenção de informações e fatores impeditivos da iniciação sexual, dentro de seu contexto biopsicosocial, visto ser esta uma temática de grande relevância e preocupação no âmbito da saúde pública e das políticas públicas de saúde.

2. METODOLOGIA

Optou-se por uma pesquisa descritiva, exploratória e de corte transversal com abordagem quantitativa, realizada em uma escola pública estadual da cidade de Umbaúba/Se. O contingente amostral, selecionado por meio do critério não-probabilístico intencional, foi composto por 91 adolescentes escolares, de ambos os sexos, com faixa etária compreendida entre 14 a 19 anos, matriculados no ensino médio da referida escola.

A coleta de dados, iniciada após a apreciação e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Campus da Saúde da Universidade Federal de Sergipe sob nº CAAE-1286.0.000.107-05, foi realizada durante o período de abril a maio 2006.

Antes da aplicação dos questionários, foi realizado um estudo piloto a fim de serem verificadas as dificuldades de compreensão e a necessidade de introdução ou supressão de perguntas para a validação dos questionários, garantindo assim a objetividade e clareza.

Por se tratar de pesquisa com seres humanos, de acordo com as orientações da Portaria 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, foi disponibilizado e assinado pelos adolescentes investigados e/ou responsáveis, caso dos adolescentes com idade inferior a 18 anos, um termo

de consentimento livre, com esclarecimentos, em linguagem acessível sobre a liberdade de recusa e/ ou desistência do consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade, bem como o caráter confidencial e sigiloso das informações fornecidas.

A análise e discussão dos dados foram efetuadas através da interpretação dos dados coletados, adotando um tratamento estatístico, distribuído sob a forma de tabelas e gráficos, para uma melhor inspeção visual das variáveis estudadas. Para isso, utilizou-se a análise percentual simples e o programa Excell for Windows 10.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra desse estudo foi constituída por 51,7% do sexo feminino e 48,3% masculino. No que se refere à idade, foi observada ainda uma maior concentração (26,3%) na faixa etária de 18 anos, para ambos os sexos. A média de idade foi de 17,3 anos o que era esperado para um grupo de adolescentes do ensino médio. Do total da amostra, 86% eram solteiros.

Destacou-se uma maior percentagem para a religião católica (75,8%) para ambos os sexos. No que se refere ao campo de trabalho, 40,6% da amostra encontram-se inseridos no mercado de trabalho, havendo uma prevalência do sexo masculino (54,5%), apesar de haver um maior número de mulheres. Assim, com estes resultados, observa-se que já na adolescência o sexo masculino se insere mais facilmente no mercado de trabalho, mantendo essa facilidade até a idade adulta.

Quando analisada a coabitação, 60,4% dos adolescentes escolares entrevistados residem com os pais, para ambos os sexos, e 20,8% moram apenas com a mãe.

INFORMAÇÕES DOS ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE

A grande maioria dos adolescentes entrevistados (85,7%) afirmou possuir algum tipo de informação sobre sexualidade, sendo que os principais veículos de conhecimento foram “conversas informais entre amigos” (36,2%), seguidos de revistas, livros e jornais (23%). A obtenção de informações pelos professores da escola foi mencionada por apenas 13,1%; televisão e rádio 10,9%. Excetuando-se os livros e professores, os restantes podem representar veículos de informações não seguros e/ou não significativos para a formação do adolescente, apresentando, muitas vezes, conceitos e informações errôneas e/ou duvidosas acerca dessa temática (Tabela 01).

Tabela 01: Distribuição dos adolescentes por sexo, segundo fontes de informação sobre sexualidade. Umbaúba, Se, 2006.

FONTES DE INFORMAÇÃO	SEXO				TOTAL	
	Masculino		Feminino		n	%
	n	%	n	%		
Pais	02	4,5%	05	10,6%	07	7,6%
Televisão/Rádio	07	16%	03	6,4%	10	10,9%
Namorado	01	2,3%	03	6,4%	04	4,3%
Profissional da Saúde	01	2,3%	03	6,4%	04	4,3%
Revistas, livros e jornais	13	29,5%	08	17%	21	23%
Conversas informais	18	41%	15	32%	33	36,2%
Professores da escola	02	4,5%	10	21,2%	12	13,1%
Outros	00	00%	00	00%	00	00%
Total	44	48,3%	47	51,7%	91	100%

Em outros estudos realizados, foi encontrado como principais fontes de informação “a conversa com os amigos”, “artigos em revistas”; “programas de televisão” e “conversa com os pais”. Observa-se, portanto, que mesmo após 10 (dez) anos, apesar de todas as estratégias no

campo da prevenção em saúde e dos programas de saúde público focando s Saúde do Adolescente, as fontes de informações principais sobre sexualidade continuam sendo as mesmas (5).

Corroborando com o que foi dito, em uma pesquisa realizada nas escolas públicas e privadas de Campina Grande/Paraíba, com adolescentes entre 13 e 19 anos, a primeira fonte de informação são os amigos e as revistas. As orientações recebidas em casa, segundo a referida autora, não esclarecem nada, uma vez que os jovens só ouvem de seus pais frases como: "sexo só quando casar"; "isto é pecado"; "é feio" (6,4).

No que diz respeito à informação transmitida pelos pais, é preocupante e notável a infelicidade do jovem de não ter espaço para se informar ou discutir sobre sexualidade junto aos pais. Na maioria das vezes, eles omitem aos filhos informações valiosas e que poderiam contribuir para um maior e melhor desenvolvimento e relacionamento entre pais e adolescentes, deixando esta temática para ser abordada com os amigos, livros e revistas (7).

Um fato importante a ser observado, relaciona-se ao papel da escola na transmissão dos conhecimentos sobre sexualidade que, nesta pesquisa, foi citada por apenas 13,1% da amostra. Este fato elucida que a escola não vem de fato assumindo seu papel, que é também de participar das transformações sócio-culturais ligadas à questão sexual, padecendo de limitações estruturais que são as mesmas que acompanham e configuram a sociedade brasileira (2).

É relevante o compromisso social e educacional da escola para com os alunos, na medida em que ela promove, juntamente com profissionais da saúde, reuniões anuais literárias sobre o assunto, aberto para comunidade, incentivando a busca constante pelo conhecimento e pela prevenção da saúde. A escola foi eleita para inserir no mercado educacional a educação preventiva. Possui uma estrutura adequada para proporcionar o aprendizado formal; é um lugar frequentado por um grande número de crianças e jovens, continuamente, durante várias horas de seu dia e por um longo período de sua vida, e favorece as relações sociais e trocas intensas de informações e de normas de conduta, que influenciam direta ou indiretamente o indivíduo (8).

Neste sentido, a escola tem um papel fundamental como suporte da família, no que concerne à educação sexual. A orientação sexual deveria ser incluída no currículo do primeiro grau onde se evidencia a socialização do adolescente, sugerindo que este trabalho deve ser desenvolvido com os pais (9,10).

Neste aspecto, a implantação de um programa de educação continuada para a saúde incluindo os aspectos de prevenção e proteção nas unidades escolares é de fundamental importância visto que a educação na escola é um meio eficiente para desenvolver nos estudantes, conhecimentos, atitudes, práticas e comportamentos favoráveis para a saúde e o bem-estar dos escolares. Assim, os orientadores devem ser qualificados e capacitados para trabalhar as temáticas (gravidez, contracepção e prevenção, DST, AIDS, homossexualismo, masturbação e o "ficar", dentre outros) no cotidiano dos adolescentes, utilizando uma linguagem clara e objetiva, levando esses adolescentes a repensar seus valores e atitudes frente a estas questões, tendo assim, uma fonte segura para esclarecer as suas dúvidas, medos e receios.

Torna-se imprescindível também a educação sexual dos adolescentes em âmbito familiar, auxiliando-os na descoberta do corpo e de sua sexualidade, estes de vital importância para a formação pessoal do indivíduo e, conseqüentemente, para sua vida. Reforça-se, assim, que a parceria escola-família-saúde é uma das alternativas para se buscar "maneiras" de orientação sexual aos adolescentes, facilitando a tarefa educativa do professor. (4)

DESEJO E PRÁTICA SEXUAL

Os resultados apresentados (tabela 02) dizem respeito à idade da manifestação do desejo sexual, onde em predominantemente 31,9% dos entrevistados ocorreu aos 13 anos, sendo os adolescentes do sexo masculino os maiores responsáveis pela opção (58,6%); 17,5 % do total citaram aos 14 anos, com predominância para o sexo feminino com uma percentagem de 75%. Assim, obteve-se uma média de 12,25 anos para o sexo masculino e 14,11 anos para o feminino.

Tabela 02: Distribuição dos adolescentes por sexo segundo idade da manifestação do desejo sexual. Umbaúba, Se, 2006.

IDADE	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	n	%	n	%	Nº.	%
08 anos	00	00%	01	2,1%	01	1,09%
09 anos	02	4,5%	00	00%	02	2,2%
10 anos	04	9%	00	00%	04	4,3%
11 anos	03	6,8%	00	00%	03	3,2%
12 anos	13	29,5%	02	4,2%	15	16,9%
13 anos	17	38,6%	12	25,5%	29	31,9%
14 anos	04	9%	12	25,5%	16	17,5%
15 anos	01	2,3%	09	19,1%	10	10,9%
16 anos	-	-	05	10,7%	05	5,5%
17 anos	-	-	01	2,1%	01	1,09%
18 anos	-	-	00	00%	00	00%
19 anos	-	-	01	2,1%	01	1,09%
Não lembro	-	-	02	4,2%	02	2,2%
Não tem	-	-	02	4,2%	01	2,2%
Total	44	48,3%	47	51,7%	91	100%

Passado o período puberal, o jovem se vê invadido por uma intensa necessidade de amar e de ser amado, o que força voltar-se para o mundo exterior à procura de pessoas que correspondam a esse amor. É uma fase de intenso romantismo, com invasão de sentimentos de êxtase e arrebatamento que leva o jovem a vaguear na procura de alguém para fundir-se. O adolescente, ao atingir essa manifestação do desejo sexual, volta-se à procura de uma pessoa que possa alimentar suas fantasias e necessidades. É nesse contexto que emerge a masturbação definida como auto-estimulação sexual que leva ao orgasmo. A masturbação tem um importante papel no desenvolvimento sexual durante a adolescência, onde essa prática e suas fantasia anexas podem servir não só para descarregar a tensão sexual, mas também podem contribuir na luta que o indivíduo empreende para definir sua identidade e auto-imagem sexual. (01)

Neste estudo, a idade média da semenarca foi de 12,95 anos e da menarca 12,89 (tabela 03). Estes dados se assemelham dados de outras pesquisas realizadas que verificaram a idade de 13 anos para os meninos e 12 anos para as meninas. Estes dados apontam para um início mais precoce de maturação sexual nas mulheres. (11,12)

Tabela 03: Distribuição dos adolescentes segundo a ocorrência da semenarca e da menarca. Umbaúba, Se, 2006.

IDADE	SEMENARCA		MENARCA		TOTAL	
	n	%	n	%	Nº.	%
11 anos	03	6,8%	04	8,5%	07	7,6%
12 anos	13	29,5%	16	34%	29	31,8%
13 anos	17	38,6%	15	32%	32	35,1%
14 anos	08	18,2%	06	12,7%	14	15,3%
15 anos	01	2,3%	05	10,6%	06	6,5%
16 anos	01	2,3%	01	2,1%	02	2,1%
17 anos	01	2,3%	00	0%	01	1,09%
Total	44	48,3%	47	51,7%	91	100%

A diminuição da idade da menarca, observada em algumas regiões do mundo, tem sido apontada como um dos fatores do aumento da fecundidade, porque faz com que as mulheres tenham capacidade reprodutiva mais precocemente. Entretanto, o fator mais importante que explica o aumento da fecundidade é a precocidade da atividade sexual. A percentagem de

mulheres que iniciam vida sexual antes de completar 20 anos tem aumentado durante as últimas décadas. Por outro lado, a idade do casamento está aumentando, o que leva as mulheres a enfrentar um período mais longo de atividade sexual antes de estabelecer uma relação marital estável, durante a qual não desejam engravidar (13).

Em relação ao comportamento sexual (tabela 04), 72,5% (66) do total dos adolescentes afirmaram já ter iniciado sua atividade sexual, com predomínio para o sexo masculino que atingiu um percentual 91%, ao passo que o sexo feminino, apesar de maior número na amostra, atingiu um percentual de 55,3%.

Tabela 04: Distribuição dos adolescentes por sexo segundo aspectos da vida sexual. Umbaúba, Se, 2006.

ASPECTOS DA VIDA SEXUAL	SEXO				TOTAL	
	MASCULINO		FEMININO		Nº	%
	Nº	%	Nº	%		
Relações Sexuais						
Sim	40	91%	26	55,3%	66	72,5%
Não	04	09%	21	46,7%	25	27,5%
Sub-total	44	48,3%	47	51,7%	91	100%
Idade da Sexarca						
09 anos	01	2,5%	00	00%	01	1,5%
10 anos	00	00%	00	00%	00	0%
11 anos	00	00%	00	00%	00	0%
12 anos	02	05%	00	00%	02	3%
13 anos	13	32,5%	04	15,4%	17	25,7%
14 anos	05	12,5%	03	11,5%	08	12,1%
15 anos	09	22,5%	06	23%	15	22,7%
16 anos	05	12,5%	01	3,8%	06	9,09%
17 anos	02	05%	05	19%	07	10,6%
18 anos	02	05%	03	11,5%	05	7,5%
19 anos	01	2,5%	04	15,4%	05	7,5%
Total	40	60,6%	26	39,4%	66	100%

A explicação para as mulheres iniciarem mais tardiamente a vida sexual está na influencia familiar. A família influencia de forma determinante os papéis sexuais dos filhos, já que a nossa sociedade ainda demarca os papéis sexuais de forma rígida e estereotipada. O tabu que pesa sobre a iniciativa sexual das mulheres, por exemplo, tem muito a ver com o papel de subordinação que a sociedade estabelece para o sexo feminino.(14)

Analisando a faixa etária da iniciação sexual dos adolescentes que referiram ter experiência sexual, obteve-se que 32,5% dos meninos estavam concentrados na faixa etária de 13 anos e 22,5% na faixa etária de 15 anos. Nas meninas, constatou-se 23% na faixa etária de 15 anos e 19% na faixa etária de 17 anos. Assim, neste estudo, foi verificada uma média de 14,4 anos para os homens e 15,9 anos para as mulheres.

A iniciação sexual mais precoce para o sexo masculino está relacionada a padrões culturais construídos pela sociedade, dita machista, onde os homens possuem maiores oportunidades e liberdade de fazer sexo. A prevalência do homem em iniciar primeiro as relações sexuais, deve-se aos vestígios da sociedade machista, onde o menino precisa transar para provar sua masculinidade, e, ao contrário, as meninas incentivadas a permanecerem virgens até o casamento. (7)

Há uma tendência na diminuição da idade da primeira relação sexual. No Brasil, a idade média é de 16,9 anos para as meninas e 15 anos para os meninos, sendo que a iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anticoncepção. Essa antecipação pode ser observada

recentemente em nossa pesquisa onde observaram-se adolescentes de 09 e 13 anos de idade já iniciando sua vida sexual.(3)

Ao lado de questões como a AIDS e as DST's, a sociedade, em crescente transformações de valores e padrões culturais, está convivendo com a realidade de uma iniciação sexual cada vez mais precoce entre os jovens. Diante dessa realidade, a banalização da sexualidade tem dificultado a tarefa de educar, de associar sexo a afeto, responsabilidade e promoção da saúde. A sexualidade deve ser então um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protelem ao máximo sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, auto-estima e pratiquem sexo com segurança. (4)

Tabela 05: Distribuição dos adolescentes por sexo segundo fatores impeditivos da iniciação sexual. Umbaúba, Se, 2006.

FATORES IMPEDITIVOS DA INICIAÇÃO SEXUAL	SEXO				TOTAL	
	MASCULINO		FEMININO		n	%
	n	%	n	%		
Preocupação com as DST	20	45,5%	05	10,6%	25	27,4%
Religião	05	11,4%	02	4,2%	07	7,8%
Casamento	09	20,4%	23	49%	32	35%
Medo de engravidar	06	13,6%	14	29,8%	20	22%
Outros	04	9,1%	03	6,4%	07	7,8%
Total	44	48,3%	47	51,7%	91	100%

Dentre os fatores que impediram a determinação da iniciação sexual (tabela 05), 35% do total dos entrevistados citaram a preocupação com o casamento, sendo os adolescentes do sexo feminino (71,8%) as maiores responsáveis pela opção; 27,4% citaram a preocupação com as DST's, com predomínio do sexo masculino (80%).

Os dados apresentados denotam a influência familiar e da sociedade no contexto da iniciação da prática sexual, onde as mulheres devem esquivar-se do sexo até o casamento e, os homens, para provar a sua masculinidade, devem usufruir até mesmo antes. Assim, as mulheres preocupam-se mais em adiar a prática sexual por causa do casamento; já os homens, apontaram a preocupação com DST's como principal impedimento para a iniciação da atividade sexual.

Ao se investigar sobre a utilização de métodos preventivos nas relações sexuais atuais, 30% dos homens e 57,6% das mulheres relataram não usar métodos de prevenção das DST nas relações atuais. Muitas adolescentes têm dificuldades de aceitar o fato de que precisam de prevenção, possivelmente, por estar imbuído no seu "eu" que as relações pré-conjugais são algo errado, sendo mais fácil encarar a relação sexual como algo que simplesmente aconteceu, de forma inesperada.(15)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi feito com 91 adolescentes escolares do ensino médio da rede pública. Houve uma predominância da faixa etária de 17 a 19 anos, sendo 51,7% do sexo feminino. Majoritariamente eram solteiros (86,8%) e católicos (75,8). Entre eles, 49,4% são da cor parda e 40,6% declararam exercer algum tipo de trabalho, tratando-se de pessoas engajadas no setor de serviços, executando atividades principalmente na agricultura e no comércio.

A grande maioria (60,4%) informou residir com os pais. Com relação à renda familiar, o maior contingente afirmou ter uma renda salarial entre 2-3 salários mínimos (30,7%).

Em relação aos aspectos informacionais, 85,7% dos adolescentes declararam obter informações sobre sexualidade, em conversas informais entre amigos (36,2%), seguidos de livros, revistas e jornais (23%) as principais fontes.

Ao averiguar a idade de manifestação do desejo sexual, constatou-se que em 31,9% da amostra ocorreu aos 13 anos, sendo a média de 12,25 para os homens e 14,11 para as mulheres.

Quanto aos aspectos da vida reprodutiva, 72,5% dos adolescentes afirmaram ter uma vida sexual ativa, sendo o sexo masculino o de maior percentual.

Ao investigar a idade da iniciação sexual, constatou-se a faixa etária de 14 a 15 anos para os meninos e de 15 a 16 anos para as meninas, apresentando uma média de 15 anos para a iniciação sexual de ambos os sexos, tendo como determinantes o contexto sócio-psico-cultural no qual o adolescente está inserido.

Quanto aos fatores que impediram determinação da iniciação sexual, 45,4% dos homens citaram a preocupação com doenças sexualmente transmissíveis e 49% das mulheres afirmaram ser o casamento o principal fator impeditivo.

Considerando esses resultados, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico e social no século XXI, acompanhados das inúmeras campanhas preventivas e de educação em saúde, pôde-se observar que os adolescentes carecem de informações relacionadas aos aspectos do desenvolvimento sexual, tão necessárias à construção da sua identidade social.

Afirma-se ainda que a iniciação sexual dos adolescentes venha ocorrendo de forma precoce. Estes dados são agravantes, pois a iniciação sexual não está sendo acompanhada de medidas preventivas, preocupando pais, professores e alunos, em virtude da falta de conhecimento e, muitas vezes, da falta de responsabilidade acerca da concepção. Evidencia-se, assim, uma realidade preocupante no âmbito da Saúde Pública, tornando-se imprescindível a conscientização e orientação dos adolescentes, a fim de evitar a gravidez precoce e indesejada, bem como as DST's/AIDS.

A realização deste estudo mostra que, considerando a amplitude e a gravidade do problema das DST's e da AIDS, urge reforçar aos profissionais de saúde pública e aos educadores a necessidade da implantação de ações prioritárias de prevenção, mais próximas da realidade dos adolescentes, traduzindo em práticas de educação em saúde, conscientização e de troca de informações.

-
1. Aberastury A et al. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. [tradução de Suzana Maria Garagoray Ballve]. 7 ed. Porto alegre, 1992, 91p.
 2. Guimarães AMDAN. Informações dos Adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 293-298, mai/jun. 2003.
 3. Lopes G et al. Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda. *Ver. Sexol.*, v. 2, n. 1, p. 30-33, jan./jul. 1993
 4. Cano et al. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. [online]. abr. 2000, vol.8, no.2 [citado 09 Julho 2006], p.18-24. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/scielo>> 2.
 5. Vivarta V. Mídia: quando a informação é o melhor remédio. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Cadernos Juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília, v. 1, ago, 1999, p.213-222
 6. Arruda A. Sexualidade e informação: recado dos jovens paraibanos. In: Paiva, V. (org). *Em tempos de AIDS*. São Paulo: Sumus, 1992
 7. Oliveira DL. O Fenômeno da sexualidade adolescente: conceito, contextualização e análise. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 16, n. ½, jan./dez., 1995.
 8. Gherpelli MHBV. A educação preventiva em Sexualidade na Adolescência. *Série Idéias* n. 29, São Paulo: FDE, 1996. p. 61-72.
 9. Creatsas G. Improving adolescent sexual behavior: a tool for better fertility outcome and safe motherhood. *International Journal of gynecology & obstetrics*, n. 58, p. 85-92, 1997.
 10. Basso SC. Sexualidad y adolescencia: la sexualidad em el contexto de la salud integral de los adolescentes. In: *La salud de adolescente y del jovem*. Washington: OPS, 1995, p. 136-137.
 11. Pinto EB. Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Editora Gente, 1999.
 12. Tiba I. Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo: Ágora, 1995.

13. Diaz J; Diaz M. Contracepção na adolescência. Campinas: Cadernos de Juventude, 2003. Disponível em: <http://www.bireme.br/bvs/adolesc>. Acesso em 25 de mar. 2006.
14. Egypto AC, et al. Papéis sexuais. In: BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1991.
15. Busso NE. Considerações clínicas, psicológicas e sociais da anticoncepção na adolescência. *Reprodução*, v.3, n.1, p. 4-8, 1988.